



GT 029. Culturas populares, rituais, festas e sujeitos em performance: diversidade sexual, racial e de gênero

Rafael da Silva Noletto (Universidade Federal de Pelotas) - Coordenador/a, Hugo Menezes Neto (Universidade Federal de Pernambuco) - Coordenador/a

No campo de estudos sobre rituais, festas, culturas populares e manifestações performáticas há uma discussão consolidada sobre práticas culturais coletivas que conformam estruturas rituais, sociabilidades festivas e pertencimentos identitários. Com muita frequência, entretanto, as abordagens privilegiam a análise de certas manifestações culturais em sua totalidade performática, invisibilizando processos de subjetivação dos sujeitos que as integram. Em detrimento do debate sobre como os sujeitos produzem suas manifestações artísticas-culturais, buscaremos discutir como essas manifestações produzem os seus sujeitos e, de outra perspectiva, como os referidos processos de subjetivação por vezes apontam para a subversão e agenciamento de lógicas, dinâmicas e conteúdos simbólicos da tradição. Pensando o desafio da gestão das diferenças sociais e do peso das premissas tradicionais presentes nos contextos rituais, festivos e/ou artísticos, pretendemos reunir pesquisas que discutam tais contextos na interface com os debates antropológicos sobre diversidade sexual, etnicorracial e de gênero, atentando para: os processos através dos quais as pessoas se tornam sujeitos sexualizados, racializados e generificados; e as possibilidades de mudanças de práticas rituais, festivas e/ou artísticas como efeito das atuais discussões políticas sobre a diversidade e a gestão da diferença.

Nobres subversivos: a performance de mestres-salas e porta-bandeiras e possíveis debates sobre gênero, sexualidade e raça

Autoria: Felipe Gabriel de Castro Freire Oliveira

A presente proposta de artigo tem como objetivo apontar questões acerca de gênero, sexualidade e raça por meio do estudo das performances e das identidades dos casais de mestres-salas e porta-bandeiras de escolas de samba do sudeste do Brasil. Essa temática integra uma pesquisa de mestrado mais ampla acerca da transmissão de conhecimento sobre esse elemento carnavalesco na cidade de São Paulo. O casal é um dos elementos constitutivos das escolas de samba, agremiações essas que integram um concurso de desfiles de carnaval, produzidos ao longo de todo um calendário festivo anual. A dupla é responsável por executar uma dança específica ostentando, no caso da porta-bandeira, o pavilhão da instituição - uma bandeira com os símbolos representantes desse agrupamento -, ao lado do mestre-sala, que a corteja. Por se tratar de uma dança com um objeto tido como sagrado pelos componentes das agremiações, os dois devem estar sempre trajados com vestimentas luxuosas e se comportar de maneira altiva, cordial e elegante, além de respeitar protocolos de manuseio desse utensílio totêmico. Como indicam as categorias nativas, o casal deve ser formado por um "homem masculinizado" e uma "mulher feminizada", algo provavelmente ligado ao passado em que o mestre realizava a proteção da porta-bandeira contra ataques de outros agrupamentos carnavalescos. No entanto, em um período recente de maior organização dos concursos e de crescente profissionalização dos saberes que compõem uma escola de samba, surge uma controvérsia entre interlocutoras e interlocutores que, em parte, afirmam que essas funções devem ser desempenhadas não apenas durante as atividades das agremiações, mas também ininterruptamente na vida cotidiana; e, por outro lado, defensoras e defensores da ideia de que se trata de cargos que possuem regras a serem cumpridas estritamente durante as suas performances, não sendo necessário o cumprimento fora desse âmbito festivo, possibilitando, por exemplo, homens cis homossexuais dançarem como mestres-salas ou como porta-bandeiras. Quem pode dançar, como devem ser esses corpos e seus comportamentos são interrogações concernentes a esses cargos, questionados de maneira mais incisiva nos últimos anos, período



também de maior ganho de espaço dos debates sobre direitos individuais na agenda pública. À luz de estudos sobre carnaval, ritual, performance e de pesquisas acerca dos marcadores sociais da diferença, farei um exercício de análise sobre a dança e a função de mestre-sala e porta-bandeira por meio de casos bons para pensar essas subjetividades. Acredito que tais apontamentos poderão propor reflexões sobre como as performances - nesse caso, de forma central, a dança - podem, por exemplo, contribuir para a compreensão das diferentes dimensões de gênero, sexo e raça.



Realização:



Apoio:



Organização:

